



# Tecendo uma possível trajetória para entender os estudos de gênero e os gêneros fluidos: Ponderações a partir da performance de um casal não-binário "Sopa de Gênero e a Destruição dos Prédios"

**Treading a possible trajectory to understand gender and genderfluid studies: Thoughts based on "Gender's soup and building's destruction", a performance from a non-binary couple**

Luana Adriano Araujo<sup>1</sup>

Levi Mota Muniz<sup>2</sup>

Matheus dos Santos Melo<sup>3</sup>

## Resumo

Investiga-se, neste trabalho, as identidades de gênero fluidas, apresentando ponderações e reflexões sobre identidade, gênero e o relato de experiência de um casal não-binário, que performa em Fortaleza/CE - uma cidade de cotidiana violência contra o corpo trans. Desafiando a normatividade da cidade e almejando destruir antigas barreiras para construir outras proposições para os fluxos citadinos, o casal auto intitula sua performance cotidiana de "Sopa de Gênero e a Destruição de prédios", fazendo uma alusão às suas montações enquanto uma mistura e o caráter "bélico" que suas identidades fluidas trazem.

**Palavras-Chave:** Gênero; Identidade; Gênero Fluido; Afetividade; Cidade.

<sup>1</sup> Doutoranda em Direito no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019-). Mestre em Direito Constitucional pela Universidade Federal do Ceará (2016-2018). Graduada em Direito pela Universidade Federal do Ceará, com distinção acadêmica Magna Cum Laude (2011- 2015). Coordenadora discente do Arvore-ser/UFC (Grupo de Estudos Aplicados em Direito das Pessoas com Deficiência). Integrante do Grupo de Pesquisa Direito das Minorias e Fortalecimento de Cidadanias da Pós-Graduação em Direito Constitucional da Universidade Federal do Ceará. Integrante do Núcleo Interdisciplinar em Direito e Literatura da Universidade Federal do Ceará (NIDIL/UFC) (2014-2015). Integrante do Grupo de Trabalho em Educação Inclusiva do Ministério Público do Ceará (GTEI-MP/CE). Membro Suplente do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos do Ceará (CEDDH). Membro e sócio-fundadora do Instituto Verdeluz. Bolsista FUNCAP - Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (2016-2018).

<sup>2</sup> Mestrando em Arte no PPGArtes da Universidade Federal do Ceará (2019-), Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela Universidade Braz Cubas (2018). Graduado em Teatro-Licenciatura na Universidade Federal do Ceará, com distinção acadêmica Magna cum Laude (2014-2018). Diretor do Coletivo Debandada, de pesquisa e criação em Artes Visuais-Gênero-Sexualidade-Cidade, Diretor do Coletivo Cabeça, grupo de pesquisa em Ecologia e Teatro-Interartes. Performer fortalezense, atuante nas áreas de gênero, sexualidade, afeto e socioambiental, tendo desenvolvido projetos desde 2014 na cidade, atualmente professor da rede de Ensino Público Estadual em Fortaleza-CE e Preceptor da Residência Pedagógica em Teatro (UFC-CAPEs) (2018-2019).

<sup>3</sup> Pós Graduando em MBA em Gestão de Liderança e Negócios na Universidade Braz Cubas(2019), Graduado em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Ateneu. Performer e diretor do Coletivo Debandada(2016-2018), atuante em Fortaleza desde 2017.



---

## **Abstract**

In this work, we investigate fluid gender identities, presenting considerations and reflections on identity, gender and the experience report of a non-binary couple, who performs in Fortaleza/CE - a city of daily violence against the trans body. Challenging the normativity of the city and aiming to destroy old barriers to construct other propositions for the city's flows, the couple self-titled their daily performance of "Gender's soup and buildings' destruction", making an allusion to its mounts while a mixture and the "warlike" character brought by their identities.

**Keywords:** Gender; Identity; Gender Fluid; Affectivity; City.

## **Resumen**

Se investiga, en este trabajo, las identidades de género fluidas, presentando ponderaciones y reflexiones sobre identidad, género y el relato de experiencia de una pareja no binaria, que hace performances en Fortaleza/CE - una ciudad de cotidiana violencia contra el cuerpo trans. Desafiando la normatividad de la ciudad y anhelando destruir antiguas barreras para construir otras proposiciones para los flujos urbanos, la pareja auto intitula su performance cotidiana de "Sopa de Género y la Destrucción de edificios", haciendo una alusión a sus montajes como una mezcla y el carácter "bélico" que sus identidades fluidas traen.

**Palabras claves:** Género; Identidad; Género Fluido; Afecto; Ciudad.



## 1. Introduzindo proposições teóricas

A identidade, terminologia que se constrói há anos em estudos, pesquisas, teorias, hipóteses e proposições dentro da área, perfaz-se hoje enquanto uma série de construções assimiladas pelo indivíduo como sendo formadoras do seu eu. Sendo esse eu e essas construções altamente mutáveis, a identidade também apresenta-se enquanto fator mutável - seja ela direcionada a grupos, a instituições ou a pessoas - e profundamente influenciada pela cultura - esta sendo um conjunto de normas, hábitos e proposições historicamente reforçadas que um grupo de indivíduos divide, tendo força coercitiva sobre os corpos<sup>4</sup>, ou seja, agindo diretamente sobre eles (seja na sua maneira de expressar, em seus gostos, desejos, preferências, concepções, entre outros). Assim, Santinello (2011, p. 155) propõe que:

O conceito de Identidade e sua constituição transformam-se temporalmente/espacialmente, bem como uma área muito debatida, graças às análises defendidas por teóricos da área, e também a delimitação, se isso assim pode-se dizer, das ideias permeadas pelo termo e suas conjecturas sociais no envolvimento de processos histórico-filosóficos.

O reforço cultural e histórico de processos identitários - que se agenciam ao mesmo tempo agregando grupos e segmentando-os de outros - sofre influências de diferentes fluxos e desemboca em variadas questões. Neste sentido, logra-se estruturar uma perspectiva de "identidade" como derivação da manutenção das relações de poder, a partir da atribuição heterônoma de identidades - considerada a heteronomia como a resultante de processos explícitos ou implícito de imposição. A identidade aloca-se, nesta perspectiva, como o respeitado, o tolerado, o aceito - embora não tendente a correção, que está sempre na normalidade do que não é tido como diferente de um padrão. É assim que uma perspectiva clássica de identidades pode levar a um congelamento destas, sem colocar em xeque sua produção social heterônoma.

Por outro lado, pode-se "antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença, (...) explicar como ela é ativamente produzida" (SILVA, 2008, p. 74), deslocando-se o papel da atribuição para aquele que constrói a própria estrada. Portanto, apesar da(s) identidade(s) serem construídas e reforçadas historicamente, elas também configuram-se enquanto processualidades passíveis à transformação. Nesse âmbito, Jacqueline Gomes de Jesus (2012, p. 5) sugere que:

Cada um(a) de nós é uma pessoa única, que porém tem características comuns a toda a humanidade. Elas nos identificam com alguns e nos tornam diferentes de outros, como a região em que nascemos e crescemos, nossa raça, classe social, se temos ou não uma religião, idade, nossas habilidades físicas, entre outras que marcam a diversidade humana. Dentre essas dimensões, este guia se foca na do gênero.

Assim é que, a partir da identidade, delimitam-se traços específicos de personalidade, que, para além de relativamente estáveis conceitualmente, consolidam-se no tempo em caráter de constância - ainda que esta constância qualifique-se justamente pela ruptura com qualquer constância padronizante de normalidade. Dessa forma, a identidade de um indivíduo é uma construção prismática - de diversas faces -, complexa por poder ser enxergada de diferentes ângulos e recortes.

Um desses recortes é o gênero, conceito que teve seus estudos reforçados a partir da segunda onda do feminismo (anos 60 aos anos 80), quando diversas autoras apontam a necessidade de enxergarmos a sociedade a partir das relações de poder que a diferenciação identitária de gênero exerce entre os indivíduos. Assim aponta Berenice Bento (2015, p. 48-49):

<sup>4</sup> A palavra corpo também será escrita, por vezes, enquanto corpa, por processo de trans-ação similar ao instituído por Dodi Leal quando a pesquisadora sugere uma Teatra da Oprimida, ou seja, não basta lidar com metodologias TRANSgressoras sem entendermos as possibilidades de transição delas. Usaremos, pois, de maneira fluida, as duas terminologias, assim como esse recurso será repetido com outras palavras e termos.



O que ficou conhecido ao longo da década de 1970 e consolidado na década de 1980 como estudos sobre a “mulher” passou a ter uma nova nomeação no final dos anos oitenta: estudos de gênero. (...) Segundo Scott (1995), enquanto os “estudos de mulheres” estabelecem uma relação imediata com a militância política, o campo de estudos nomeado “gênero” está vinculado, principalmente, à busca da compreensão epistemológica das relações entre os gêneros.

Derivados de uma gênese feminista (aliando-se a diversas outras influências), os estudos de gênero fundamentam-se, primeiramente, com uma ruptura da sacralização da oposição feminino/masculino. Assim é que Hall aponta que o feminismo, como um “ladrão na noite, invadiu; interrompeu, fez um barulho indecoroso, aproveitou o momento, e defecou na mesa dos estudos culturais” (HALL, 1996, p. 268), propondo uma abordagem completamente diferente dos estudos críticos contemporâneos. Referida divergência partia, sobretudo, de uma rejeição dos pressupostos e valores dominantes, que mantinham a binarização como assento intocado de uma estruturação desigual de poder e de normalidade. Apontando, igualmente, a força do feminismo, Albano (2006, p. 3):

O movimento feminista teve grande importância nos Estados Unidos e exerceu, de uma certa forma, uma influência internacional, e lá, o conceito de gênero foi introduzido na década de 70, em seu discurso teórico, através dos estudos da antropologia. Já na Europa, em 1972, a inglesa Ann Oakley havia apontado a necessidade de distinguir entre macho e fêmea e gênero, na classificação social de masculino e feminino, instigando então, diversas autoras a aprofundarem seus estudos nesta temática.

Naquela época, conforme relata Bento ao longo de sua pesquisa de mestrado, publicada em 2015 sob o título *Homem não tece a dor*, a principal concepção de gênero era constituída a partir das diferenças nas relações sociais para aqueles que se consideravam parte dos constructos “homens” e “mulheres”, levando em conta todos os engendramentos que a prática de se identificar com um desses dois desencadeia em cada ser, tendo em vista, principalmente, a sociedade ocidental e capitalista, em uma perspectiva cisgênera.

Nesse âmbito, faz-se necessário explicar superficialmente o que venha a ser cisgeneridade, visto que também as primeiras discussões mais disseminadas a respeito desta e da transgeneridade se iniciam nessa época. Um indivíduo cisgênero é aquele que se identifica com o gênero que lhe foi imposto a partir do sexo biológico em seu nascimento. Ou seja, se um indivíduo nasce com um aparelho biológico “macho” - com gônadas masculinas, pênis, etc. - e se identifica enquanto homem, este é um homem cis(gênero). De maneira análoga, se vem ao mundo com um aparelho biológico “fêmea” - com gônadas femininas, vagina, útero, trompas uterinas, etc. - e se identifica enquanto mulher, esta pessoa é uma mulher cis.

Existem, no entanto, indivíduos que não se identificam com o gênero que lhes foi imposto a partir de seu sexo biológico, consistindo estes nos sujeitos transgêneros. Por outro lado, há também aqueles que não nascem com sexos biológicos masculinos nem femininos, essas pessoas são designadas intersexuais (a intersexualidade faz parte das possíveis classificações dentro do sexo biológico, área que também é importante para a compreensão dos processos de gênero, mas que não se compreende enquanto uma identidade de gênero propriamente dita)<sup>5</sup>.

Dentro do espectro da transgeneridade, encontramos, por exemplo, pessoas que nascem com sexo biológico “macho” que foram interpretadas socialmente como “homens” justamente por isso, mas que, ao longo da vida, assumem uma identidade mulher, entendendo-se e reivindicando-se como tal. Essas são mulheres trans: elas não “nasceram homens e se tornaram mulheres”. Elas tiveram uma identidade “homem” imposta em seu nascimento em decorrência do seu “aparelho sexual”<sup>6</sup>. Como

<sup>5</sup> Apesar de não ser a discussão central do artigo, é interessante ressaltar a importância da construção da luta intersexual dentro do movimento LGBTQ+, posto que ela é constantemente invisibilizada até dentro do movimento.

<sup>6</sup> Ressalve-se a percepção de que o “aparelhamento sexual” interpretado socialmente consiste em uma verdadeiro armamentismo do sujeito contra si mesmo, adverso às próprias pulsões que desvirtuem do esperado naturalisticamente a partir de suas gônadas. Esta percepção da genitália como arma, fundamentando o corpo-contra-o-corpo, não é o foco de



Berenice Bento aponta, “o primeiro ‘carimbo social’ que recebemos é aquele que identifica a qual gênero nós pertencemos” (BENTO, 2015, p. 53).

Essas pessoas, durante o seu crescimento e desenvolvimento identitário - nesse caso, identidade de gênero -, ao criarem laços mais complexos com a sociedade durante o seu amadurecimento, se sentem melhor representadas com o que entendemos socialmente enquanto mulher. Compreendemos, dessa maneira, dentro do seu imaginário do que é ser mulher, e, assim, se sentem confortáveis e assertivamente expressando-se, lidas e tratadas enquanto mulheres e não enquanto homens - gênero este que não lhes foi perguntado nem concedido, e sim outorgado em seu nascimento, ou até antes disso, como aponta Gomes de Jesus: “Relembre da sua formação pessoal: desde criança você foi ensinado(a) a agir e a ter uma determinada aparência, de acordo com o seu sexo biológico. Se havia ultrassonografia, esse sexo foi determinado antes de você nascer. Se não, foi no seu parto” (GOMES DE JESUS, 2012, p. 41)<sup>7</sup>. De maneira análoga acontece com homens trans, sendo estes são normalmente designados enquanto mulheres em seu nascimento (em decorrência do sexo biológico) mas, ao longo da vida, desenvolvem maior consciência de si e passam a exigir uma identidade de homem.

Ainda dentro do espectro do gênero, com o advento de estudos, pesquisas e questionamentos acadêmicos, sociais e de vida dentro dessa área, passaram-se a questionar o que é “homem” e o que é “mulher”, sendo esses dois entendidos enquanto constructos sociais, historicamente e culturalmente formados. Entendemos que, diante de diversas outras, duas perspectivas são bastante plausíveis para que possamos compreender de maneira mais completa o que é gênero a partir do que já foi construído e, assim, propor outras possibilidades para esse campo (de pesquisa, de política, de vida) que diferem do que já foi proposto.

Sendo assim, a primeira perspectiva se dá dentro do âmbito do esgarçamento do que é socialmente entendido enquanto homem e mulher. Existem diversos textos que amparam esse esgarçamento, entre eles estão dissertações de mestrado<sup>8</sup> e doutorado<sup>9</sup> de Berenice Bento e as pesquisas de Suely Rolnik, no caso da última, sobretudo no texto “Guerra de Gênero ou Guerra aos gêneros” (1996). Nesses estudos - referências para o estudo de gênero latino-americano -, podemos considerar que há um questionamento sobre a rigidez no que foi reforçado ao longo das décadas para conceber homem e mulher, apontando sempre a historicidade desse processo. Bento sugere que “ninguém nasce com os atributos comportamentais do gênero masculino e do gênero feminino, cada sociedade elabora formas para definir padrões comportamentais para cada gênero.” (BENTO, 2015, p. 51). Nesse caso, podemos conjecturar bastante sobre quais são essas características historicamente reforçadas. Por exemplo, homens com posturas mais rígidas, propostas de masculinidades conectadas com um agenciamento mais rude da vida, com um padrão de vestimenta específico (sem a utilização de vestidos, macacões, etc.), com cores específicas, impelidos a suprimir demonstrações emotivas, desempenhando certas profissões e de determinada maneira, com um enquadramento estético específico, gozando de privilégios tidos enquanto naturalmente pertinentes a homens, desempenhando funções sociais, políticas, familiares e religiosas destinadas a eles, sendo ferramentas de sustento dos pilares econômicas capitalistas, entre outras centenas de características que ajudam a construir um protótipo do que é ser homem.

De maneira semelhante, o gênero “mulher” também encontra uma série de preceitos sociais e

---

nossas investigações, mas merece esta anotação em pé de página por estar no plano de fundo da corporificação deste trabalho.

<sup>7</sup> Destaquemos, nesta senda, o avanço das recentes práticas de eventos para a “revelação” do sexo do feto, durante a gestação, nos quais se irmana univitelinamente a expressão de gênero com o aparelho sexual. Neste sentido: “O chá de revelação de sexo oferece o espaço performativo no limiar da vida, um momento liminar que se baseia no poder da communitas, criando um senso de permanência e segurança na categorização da diferença sexual e de gênero” (GIESELER, 2017, p. 2).

<sup>8</sup> Dissertação que deu origem ao livro “Homem não tece a dor” (BENTO, 2015).

<sup>9</sup> Tese que deu origem aos livros “A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual” (BENTO, 2006) e “O que é transexualidade” (BENTO, 2018).



extremamente difundidos sobre as suas atribuições: aquela que serve à casa, que deve demonstrar recato em sua maneira de vestir, os cabelos sendo arrumados de determinada maneira, as cores a elas instituídas, as maneiras de agir com “delicadeza”, as maquiagens, unhas, sapatos, submissão ao homem, cuidar dos filhos, ser canal para a procriação da espécie, etc. Sobre isso, Jacqueline Gomes de Jesus aponta que “(...) o fato é que a grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero ‘adequado’.” (GOMES DE JESUS, 2012, p. 8).

Esses dois protótipos, na atualidade, são, assim como o apontado por Suely Rolnik (1996), materialidades em vias de autodestruição. Esgarçadas de si, se quedam frágeis em seu próprio insucesso por diversos fatores, sendo o principal, sem dúvidas, o fato de que nenhum indivíduo é simples como um protótipo, ou de identidade estável como o mármore. Aqui ela relata o movimento desses corpos binários que buscam firmar suas identidades de maneira rígida ao se depararem com outras possibilidades de entender o gênero:

Quando diferenças irrompem em cena, convulsionando as figuras estabelecidas, não se observa qualquer esboço de movimento de construção de modos de existência que as corporifiquem; o que cai na trama do espectro são personagens correndo esbaforidos de um lado para o outro, feito baratas tontas. Atordoados, eles parecem estar à cata de figuras idealizadas para identificar-se, de modo a reconstituir-se o mais rapidamente possível e encontrar seu lugar neste magma homogeneizado de subjetividades. Quando conseguem, alimentam sua ilusão de estabilidade e parecem apaziguar-se; mas o preço que pagam é ver a vida enquanto potência de diferenciação, escapando de suas mãos. É nítida sua desvitalização (ROLNIK, 1996, p. 2-3).

Esse tipo de atordoamento esbaforido é bastante comum de observar, especialmente se analisarmos os movimentos conservadores que se insurgem contra o reconhecimento da legitimidade dos estudos e vivências dissidentes de gênero, forjando, dentro e fora da academia, uma linha de pensamento reacionária a remodulações identitárias demandadas pelas investigações no campo da transgeneridade. Referida resistência conecta-se fundamentalmente a uma incapacidade de identificar indivíduos que se adequem a todas as características historicamente instituídas do “ser homem” ou do “ser mulher” durante toda sua vida, de forma que esses dois constructos agregam grupos que se reúnem dentro dos segmentos em identificações geradas por uma imposição perpetrada a partir da genitália de nascimento. Rolnik, a respeito das resistências dos grupos em assimilar os fluxos globais da reinvenção do que é gênero, continua:

Um espantoso avanço das tecnologias de informação e de comunicação de massa, faria aparecer na trama de seu espectro um fato curioso: a maioria dos personagens, independentemente de onde estejam, encontram-se habitados pelo planeta inteiro ao mesmo tempo; uma imensa riqueza de forças/fluxos e, por consequência, de mestiçagens virtuais, aumenta indubitavelmente a potencialidade de engendramento de diferenças e de criação de mundos. Paradoxalmente, é evidente a limitação destes personagens para processar tamanha abundância; intolerantes à desestabilização, eles não se deixam facilmente afetar pelos efeitos das misturas em sua subjetividade. É gritante o contraste que se observa entre a exuberância de mundos virtuais e a mesmice das figuras em torno das quais se organizam (ROLNIK, 1996, p. 4).

De toda maneira, precisa-se, assim como o proposto por Bento (2015), pesquisar outras possibilidades para entender as masculinidades e as feminilidades, distanciadas desses rígidos padrões que construímos - as figuras do “visível” apontadas por Rolnik (1996) - ao longo dos anos. Figuras que possam mesclar suas identificações e, ainda assim, manter identidades “homem” ou “mulher”, sem performar estritamente o que é esperado a elas a partir dessas identidades.

Em uma outra possibilidade, temos a proliferação de uma camada que não almeja encaixar-se plenamente (ou de maneira rígida) nessas cavidades binárias - ainda que esgarçadas - do ser homem e ser mulher. Que, apesar de entenderem que há como entender essas construções de maneira ampliada e mais complexa - sem pensarmos estritamente e engessadamente nos dois termos como protótipos



estáticos, mas sim como zonas de identidade -, ainda desejam identificar-se por outras possibilidades, mais frescas, mais experimentais, mais únicas. Essas pessoas, que fogem do espectro do que é ser homem ou ser mulher (ou do que é ser exclusivamente homem ou/e mulher) são identificadas enquanto pessoas não binárias. Dentro da não binariedade, encontramos diversos gêneros possíveis para que as pessoas possam se alocar em algum outro grupo identitário e, assim, trocar experiências com outras pessoas que se identifiquem assim. Desta maneira, tecem-se identidades que não advêm da qualificação como “terceiro gênero” ou da anormalidade face a binariedade, fixando-se a ideia de que o gênero é um espectro plúrimo e multiforme, mais afeto ao encontro de si consigo do que com os rótulos sociais traçados heteronomamente. É o caso, por exemplo, de pessoas que se identifiquem com o gênero *maverique*, que tem especificidades em sua expressão identidade e que formam um grupo significativo mundialmente<sup>10</sup>.

Trata-se, neste trabalho, especificamente dos gênero fluido (ou *genderfluid*), que consiste em uma trajetória identitária pautada na não estaticidade do gênero, alargando a mutabilidade de sua identidade e propondo que, ao longo da vida - com maior ou menor frequência - podemos nos identificar com diferentes gêneros (ou com nenhum dos constructos sociais binários ou não-binários do gênero) e que isso não é um empecilho, e sim mais uma possibilidade. Transgressão e transição constituem, portanto, dois fatores peculiares à fluidez deste gênero, que pode ser apenas sugerido, mas não classificado categoricamente, como condicionado ao preenchimento de caracteres - residiria aí sua própria negação, a partir da criação de novas caixas identitárias. Portanto, conforme aponta Jackson, uma classificação da identidade fluida de gênero é problemática, pois os indivíduos estabelecem seus próprios parâmetros de identidade; uma identidade fluida de gênero pode não apenas diferir muito de outra, mas também pode ser variável ao longo do tempo e da circunstância (2011, p. 25).

Chegamos, assim, a outra questão: afinal, diante disso tudo, o que é gênero? Nesse caso, entendemos gênero enquanto uma possibilidade cotidiana e performativa de identidade, que é pautada a partir das relações que os corpos tecem com o ambiente que os circunda, podendo estar ligados a expressão de si por meio de uma visualidade específica, mas também operando de maneira interna e subjetiva, considerando os desejos íntimos de cada um e as crenças particulares dos indivíduos sobre si. Dialogando com Gomes de Jesus, compartilhamos do entendimento de que “sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente” (GOMES DE JESUS, 2012, p. 8). Mas também instituímos que esse social não pode ser entendido enquanto endurecimento de estruturas por meio de relações, posto que o gênero se performa a cada momento que se vive. Assim, não basta entender o social em seu caráter relacional, mas agrega-se aqui um devir performativo e relacional a esse percepto.

De maneira equivalente, Fernando Pocahy (2016) propõe que o “gênero se tece, assim, enquanto um espaço experimental, político e relacional, propondo uma rede que vai do profundo de cada ser para a sociedade como um todo, rasgando eixos e propondo fluxos diversos”. Assim, desvincula-se o experimento de uma perspectiva científica dura e reinventa-se a ciência e o próprio experimento de forma que mais corpos possam colocar-se em um espaço de proposição para o conhecimento. No mesmo sentido, Pocahy:

Com essa provocação movimento-me em uma sorte de cartografia dos fluxos epistemológicos que têm desafiado cânones científicos e/ou metateóricos na produção acadêmica. Arrisco dizer que algumas das lutas empreendidas por movimentos de dissidência de gênero e sexualidade vêm produzindo efeitos importantes e decisivos em termos de rupturas epistemológicas, notadamente através do agenciamento de

<sup>10</sup> Um importante fórum para entender melhor sobre a diversidade das identidades de gênero não binárias é o Orientando (<https://orientando.org/>). A proposição do que é *Maverique* está disponível em: <https://orientando.org/listas/lista-de-generos/maverique/>. Acesso em: 15 mar. 2019.



É preciso, portanto, quebrar os muros que nos engradam e inventar outros territórios onde possamos nos (a)firmar, estando aptos, no entanto, a tecer outras possibilidades para si sempre que desejado. Entender a existência de gêneros fluidos nada mais é que suscitar que o próprio gênero é uma área mutável e experimental, galgando, além disso, um caráter científico para as pesquisas de gênero e a mudança de paradigmas para o pesquisar como um todo. A partir daí, engatamos com ainda mais força em nossa trajetória de diálogos performativos dentro do texto, criando, sobretudo, uma conexão entre as proposições de Haseman em seu “Manifesto pela pesquisa performativa” (2015) e as narrativas do casal-performance não-binário que se tecerão a partir de agora.

## 2. A destruição de prédios: monstros (des)construtores

Essa seção versa, de maneira mais poética – em busca, inclusive, de outras possibilidades para uma escrita performativa (HASEMAN, 2015; RANGEL, 2006) –, sobre as trajetórias de um casal não-binário/gênero fluido em Fortaleza/CE. O casal em questão – também autor do texto –, milita na área de gênero-sexualidade por meio de sua arte e pesquisa no Coletivo Debandada, além de performar a sua própria vivência todos os dias pelas ruas de Fortaleza.

Não é preciso muito para derrubar uma cidade. Uma receita: junte duas pessoas, ponha vestidos curtos e colados nelas, deixe que elas se beijem em vias públicas, pronto, a cidade veio abaixo. Não importa se forem duas mulheres, um homem e uma mulher, dois homens, gêneros não-binários ou qualquer que sejam os corpos envolvidos no beijo, a troca de saliva com dois seres de vestidos curtos é um rebuliço em qualquer espaço urbano. Você pode encontrar seus próprios temperos nessa receita: espartilhos, sombras, batons (em qualquer parte do corpo), tintas, pulseiras, colares, saltos altos e mais outros utensílios. Pode ser um beijo mais quente, ou apenas um selinho contínuo: deixem que a cidade veja, esperem um tempo, e as estruturas começam sua autodemolição.

Os sons dessa demolição, em nosso caso, variam entre “Vagabundos! Viados! Vão para casa! Que ‘esculhambação’ é essa?”. Eles parecem agressivos, mas são sons de medo. Eles anunciam, em meio a gritos e brados, a própria destruição. É como se o encontro de dois corpos que eles não conseguem encaixar nos potes binários, perfeitamente rotulados, que os aprisionam - forjados a partir de tecnologias arquitetadas dentro de uma binariedade da cisheteronorma - fosse o gatilho para uma bomba. E, a cada olhar assustados, novas bombas explodindo. Aos poucos, esses seres começam a ter coragem de se beijar pelas ruas, a demonstrar afeto pelas ruas: e os moradores dos prédios olham, de cima, o decair de uma sociedade datada ao fracasso. Referido processo de recrudescimento ante à derrubada premente é bem definido em Rolnik:

E quanto mais se degladiam os gêneros, mais se afirmam as identidades e menos canais se abrem para as diferenças; reciprocamente, quanto mais proliferam diferenças e mais aumenta sua pressão, mais apavoradas ficam as subjetividades com suas supostas identidades e mais defensivamente as enrijecem na tentativa de manter a ilusão de sua eternidade e proteger-se do terror que a finitude provoca (ROLNIK, 1996, p. 4).

“Isso é homem ou mulher? Que nojo”, se escuta diante de um beijo colossal de dois corpos no meio da rua. A voz de medo é também uma voz de desejo: ele quer saber daqueles corpos. “Eu preferia que morressem”, há vida dentro dos espaços não binários. Há vida além dos percalços do preto e do privilégio branco, do explorar rico e do miseriar pobre, do instituir homem e da submeter mulher, de todas as construções que nos indicaram que seriam pilares para a nossa sociedade existir. E, aos poucos, novas (des)construções começam a habitar espaços antes tidos enquanto impossibilidades. E





a ilusão de eternidade começa a ser trocada pelo terror que os dois corpos beijando no meio da cidade provocou. Esses corpos são lidos, pois, enquanto monstros, visualizados enquanto tal. Criam-se, pois, novas imagens para estes, buscando dar nitidez ao borrão social e performativo típico dos monstros (COHEN, 2000).

A narrativa do monstro, especialmente a apontada por Jeffrey Cohen em seu texto “A Cultura dos monstros: Sete Teses” (2000), nos muito interessa. Seríamos nós esses seres geradores do medo e do desejo, dos escapes, engendrados pela cultura, seres que são, em si só, performances da pura cultura da abjeção?, um ser que escapa, que “resiste à sua captura nas redes epistemológicas do erudito” (p.40), que é “transgressivo, demasiadamente sexual, perversamente erótico” (p.48), “criados por meio de um processo de fragmentação e recombinação” (p. 39)? Somos esse ser lama, do fundo da sopra primordial, bebedores das menarcas do mundo, que existem desde antes da sapiência e resistiremos, fora desses radares neofascistas e cada vez mais perseguidos por eles. É de nossa pele musgo, de nosso passo híbrido, de nossa cara montada que eles tentam escapar e, ao mesmo tempo, fixar o olhar. Esse olhar de Ulisses criador dos vazios, nos quais os vazios – no caso, nós -, passamos, então, a olhar para eles. O corpo do monstro, além de toda a forma que se constrói, a partir das deformações, dos andares, das cores e odores, é um corpo do vazio, do borrão, do indistinguível. Há um medo ali. O medo de não entender os corpos vazios de entendimento é o de olharmos de volta para eles.

Há também o terror que, apesar de não novo, é re-odiado por um novo ultrapassado, jungido seu porvir ao ocaso de práticas que, apesar de nada modernas, recorrentemente são qualificadas por tais discursos como pechas da modernidade, conforme Jacqueline Gomes de Jesus aponta:

Todos e todas nós vivenciamos, em diferentes situações e momentos, ao longo de nossa vida, inversões temporárias de papéis determinados para o gênero de cada um: somos mais ou menos masculinos, nós nos fantasiamos, interpretamos papéis, etc. Procure exemplos, na História, de que tais limites não são fixos e pré-determinados, representados por pessoas como Maria Quitéria, heroína da Guerra da Independência, que se vestiu de homem para poder lutar contra o domínio português (2012, p. 9).

Os carros, ao passarem pelo território do beijo, desaceleram e, assustados, quase param a notar aquilo. E, aos poucos, param em outras esquinas, observando outros beijos. Eles tapam os olhos dos filhos e filhas, mas, pelas brechas entre os dedos, as crianças observam aquilo e, não muito surpresas, dizem: “Mãe, o cabelo dela é lindo, posso pintar de rosa também”, “Pai, aquele menino tá usando saia? Minha amiga também usa”, “Mãe, eu quero ter tatuagens assim também”, “Pai, ele está usando o mesmo batom que a mamãe usa”.

Outras misturas substituem os ideais falidos de “homem” e “mulher”. Fora do espaço de opressão-submissão, esses corpos não vivem por meio de representações do que deveriam ser ao se enquadrar dentro de alguma possibilidade. Uma mistura de salivas, um esfregar de corpos, uma amálgama de referências, um friccionar de vivências. Expressões de gênero dissidentes e insurgentes quebram a barreira genérica do que é ser gênero. Aos poucos, como picaretas em grandes icebergs, vão minando as estruturas que programam - ainda antes de nascermos - as nossas maneiras de agir, ser, vestir e afetar. Por meio dessas expressões, visam a implodir o próprio conceito atual de gênero, tornando possível uma vivência desconectada com a necessidade de programar o seu corpo para aceitar-se em uma definição que nunca lhe foi perguntada, mas simplesmente imposta. Podendo abrigar zonas desconectadas com os padrões que você deveria seguir nas expectativas da sociedade a respeito de seu sexo biológico - isso é, se você nasceu com um pênis ou uma vagina. Ou, então, abrigar zonas que se desconectem de forma alguma do que se espera para o ser humano, visto que esse, apenas aprendido para binariedades, já também não se sustenta em si enquanto constructo.

Os carros já pararam, as pessoas estão algumas observando, outras tapando os olhos, algumas curiosas, outras desferindo golpes em letras. Em dado momento, os antigos manequins mortos das grandes grifes - todos padronizados em cor e forma - se escorrem e deixam apenas estruturas metálicas-



ósseas, um esqueleto preparado para ganhar novas formas de ser, estar e se constituir. É que a visualidade e a visão evocam uma possibilidade: se nós enxergamos algo, então aquilo é plausível, de forma que o estar travestido-montado-transgredido dentro de espaços urbanos é colorir a cidade com uma nova possibilidade - que só chega enquanto possível caminho, possível existência, para poucos corpos, a maioria continua negando (ou dizendo negar) essas existências. De maneira similar, ver, segundo Georges Didi Huberman (1998), também configura-se enquanto um ato de perda: pode-se perder o que se viu anteriormente, pois não assimila-se mais o passado enquanto verdade, e pode-se perder o que se viu agora, pois não assimilasse o volume enquanto contenedor de algo. De qualquer maneira, a perda do olhar, para Huberman, inelutável, evoca o luto ao notar que o próprio vazio criado pela visão que não se palpa, que não se alonga pois quando se viu já se passou o momento, no caso dos olhos aos monstros, é evocadora do luto. Se podemos ver estes seres nas ruas, e não mais apenas nas surdinas, nos bueiros, nos muquifos, entre os cacarecos e as pestes (apesar de estes serem, de fato, nossos locais preferidos) este é o sinal da derrocada da norma. Estas trajetórias de monstruosidade, de fluidez e não-binariedade, de fato, começam a figurar nos processos de invenção artísticos, sem nunca, no entanto, ganhar a grande massa. É pelo corpo que performamos a nossa existência. Ainda assim, é importante ponderar o que Jackson propõe quando aponta que:

A apropriação e recodificação desses conceitos e imagens é válida e necessária à luz do não engajamento dos meios de comunicação mais amplos em relação ao tema da fluidez de gênero. Eu diria que a apropriação e recodificação desses conceitos e símbolos é absolutamente necessária para a sobrevivência da representação de fluidos de gênero. Se a mídia de massa, uma ferramenta de hegemonia heteronormativa, não irá representar a identidade fluida de gênero em seus programas de jornal e televisão, então criar uma história viável e mitologia para os que se identificam como fluidos de gênero, profissionais criativos (como eu) são obrigados a fazê-lo através de nossas práticas criativas (2011, p. 122) - tradução nossa.

Esse processo de suspensão identitária - por meio do qual a sociedade passa a contemplar, espontaneamente ou não, voluntariamente ou não, não somente duas possibilidades de ser/existir enquanto “identidades de gênero” e visualiza claramente outro algo, outros seres, outros corpos - fugindo desses dois polos pela sua estranheza - se dá de maneira mais alargada para alguns e súbita para outros. Uma olhadela, uma encarada, um dia ponderando: são processos possíveis para os que absorvem visualmente este momento de visão e perda. Seja pela ojeriza ou pela abertura às possibilidades, a absorção se impõe, de maneira que a destruição dos prédios se dá, por fim, como uma pesada bola de ferro que, quanto mais repelida, mais fortemente retorna ao ponto em que despertou sua trajetória e, quanto mais atraída, mais demole o que já não é mais abrigo inclusivo. Mas o certo é que o processo de conceber outras possibilidades identitárias para o gênero não consegue perdurar para a maioria dos seres: em dado momento, os manequins sociais - as próprias pessoas, em sua maioria - se cobrem com seu mármore padrão e retornam à uma norma binária, reconstruindo, diariamente, os prédios fundantes de um império binário. Ternos para um lado, vestidos para o outro.

### 3. Sopa de gêneros - montagem a partir de gêneros fluidos

Eu me lembro bem, em minha trajetória de vida, as primeiras vezes que vi travestis em locais públicos. Estavam paradas em frente ao Teatro do antigo Colégio Cearense, onde eu apresentaria, poucos minutos depois, uma peça. Para mim, que estava em um espaço de descobrimento do meu ser - enquanto gênero e enquanto arte - as possibilidades se abriram em diversos âmbitos. Dois daqueles corpos se aproximaram e beijaram. Não me lembro se foram de fato elas, ou eu e minha namorada travesti nos beijando em uma rua qualquer, próximo a algum teatro. É que dentro desse espaço de porosidade dos corpos abjetos, nossas corpos se mesclam, nossas memórias se mesclam, nossas expressões se mesclam. A minha travestilização, a cada noite ou dia, percorre espaços afetivos que



vão ao encontro daquela primeira memória, também em meu próprio processo de visão e luto, no qual Ulisses, apontado por Huberman (1998), vê em tudo o rosto de sua mãe morta, e eu adiciono aquilo no meu quadril, nos meus olhos, no meu corpo. Me monto - de mim mesma.

A “montação” é lida enquanto uma ação de um ser que, por meio de modificações na visualidade de sua performance cotidiana, rasgue também as representações cotidianas que são associadas a identidades de gênero específicas. Essas montações, cujo evento de maior disseminação social está na figura da “drag queen”, normalmente estão associadas a vestir-se ou maquiar-se de forma a parecer/performar enquanto o gênero “oposto” ao que você normalmente se identifica. Como propõe Maria Teresa Chidiac e Leandro Oltamari: “Os sujeitos, quando montados de drag, unem, em um único corpo, características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade” (CHIDIAC/OLTAMARI, 2004, p 472).

Porém, existem corpos que não se identificam, já em seu cotidiano, a partir desses padrões binários - não de maneira fixa, não de maneira continuada por uma vida toda. Como mel em bocas sedentas, não cabem dentro das cavidades a eles direcionados, escorrem pelas culatras, arredondam cubos, dispensam culpas, rasgam cuidados, atravessam cumes, abrem cus. Esses corpos não ignoram os fluxos sociais: eles digladiam ora contra eles ora em meio a eles, em uma empreitada pós-identitária, um tiro no vazio: com direção para o vazio, repletas e satisfeitas no vazio. Nós atiramos nosso próprio corpo no vazio, buscando nos desencontrar dos espaços a nós apresentados. Fazer do vazio espaço para invenção e criação: artística e de nós mesmos (KASTRUP, 2018).

É importante lembrar que estamos aqui de gêneros fluidos - pessoas que não se sentem hospedadas de maneira definitiva em uma só das possibilidades sociais para compreender o seu próprio gênero e que concebem a possibilidade de identificar-se com outro em algum período da vida - sejam essas transições constantes ou não, numerosas ou não. Mas também, de certa maneira, propomos que o próprio gênero possa ser entendido, como um todo, como esse espaço da fluidez e do vazio. Imagina se todas as corpos assim o fossem?

Para alguns desses seres, o montar-se - não essencialmente de drag, mas de indumentárias, maquiagens e visualidades específicas para si - é uma ação rotineira e cartográfica. Faz-se cartográfica ao ponto de que, no fazer, nós mapeamos a nossa própria existência, nosso processo de reexistir: “(...) a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem.” (ROLNIK, 2006).

Nesse caso, somos nós mesmos a paisagem cartografada. É no maquiar-se (ou demaquilar-se), no vestir-se (ou no despir-se), no estar (e não no ser) que encontramos uma alternativa palpável de identificar nosso corpo como sendo nosso. É nesse devir-corpo, nessa mutabilidade de potências que conseguimos conceber nossa existência. Essa realidade, no entanto, não é obrigatória para todo ser gênero fluido: é na singularidade de nossa vivência (diferentes entre si) que encontramos escopo para falar sobre uma das diversas possibilidades que se engendram a partir do identificar-se enquanto gênero fluido.

O montar-se, em nosso caso, não se configura enquanto uma busca de um corpo outro que não o corpo “cotidiano”. O montar-se é o corpo cotidiano: a ação é o corpo cotidiano. O gênero passa a ser verbo, passa a ser gêneses, passa a ser gerador em vez de genérico. Assim como o direito se institui a partir da violência, segundo Walter Benjamin (1986), também é em atos de violência que instituímos a nós mesmas. Nessa fluidez de gênero, a luta contra fluxos sociais ganha um caráter afirmativo muito forte. Mais do que a afirmação de gêneros insurgentes para a sua permanência, afirmá-los para que possam fluir, para que possam soprar vida e morte: a vida e morte a partir do próprio desejo, e não de processos discriminatórios. Como corpos-gotas que, viscosos, percorrem de uma identidade a outra, se firmando apenas no seu devir gerador. Buscando escapar ao biopoder e à sua necropolítica (MBEMBE, 2016), esta prática de dispositivos – usando, aqui, a perspectiva de dispositivo de Aganbem (2005) –



que visa a controlar o corpo enquanto instancia máxima da violência do Estado e de seu poder jurídico.

Afirmar a possibilidade da existência dessas outras identidades de gênero para questionar a hegemonia dos gêneros já firmados e também o biocontrole dos corpos (MBEMBE, 2016): se fincar para deixar o solo mais vazado, mais poroso, mais esburacado. E, como estacas, aos poucos, movimentar o solo, desendurecer as estruturas que entendemos enquanto gênero, enquanto corpo, enquanto ser, a ponto de chegar ao ponto principal do nosso e de diversos outros movimentos: um ataque galgado aos espaços citados enquanto locais de sectarização e não de experimento. Uma batalha para que o conceito como se é posto, enquanto dispositivo de biopoder estatal, se consuma, e, então, seja espaço de transição, espaço de incerteza, de dúvida, de experimentação de um outro tipo de pesquisar, engajado no corpo e na experiência do corpo, e, assim, outros descobrimentos epistemológicos. Nesse âmbito, PocaHy sugere:

É assim que alguns estudos de/ em dissidência têm levado adiante a ideia de campo de pesquisa como território de experimentação, espaço-tempo onde se produzem práticas de subjetivação, reunindo as contradições, contestações, as continuidades e as descontinuidades que incidem sobre a produção do racismo, a tutela epistêmica do corpo, a performatividade de gênero e do exercício da sexualidade (2016, p. 18).

Nesse âmbito de criação de outras possibilidades, é necessário ampliar o que se conhece enquanto gênero para, então, imergir-nos em um ambiente livre de experimentação dos nossos corpos, no qual cada corpo tenha uma relação singular com a maneira que se expressa e que se identifica em relação ao mundo, sem ter a necessidade de estar subjugado ao seu genital, à uma palavra, à uma definição externa. E, então, um beijo de duas pessoas vestidas da maneira que quiserem, será, enfim, algo passível de ser dado em vias públicas sem a chance de que nossos corpos sejam – como constantemente são – violentados, violados, vistos com nojo, repulsa, surpresa e ódio. Nossa mão boba será somente uma potência nossa sob o nosso corpo, uma maneira de *estar prazer*.

Assim finda esse relato de experiência poetizado e cientificamente argumentado a partir da vivência de um casal não-binário e artista, que performa a vida nas ruas de Fortaleza. Em um misto sempre de corpo-outro, corpo-arte, corpo-luta. Um corpo que, no momento de escrita, já se foi para outro espaço. E, propõe, então, que outros corpos - como o dos indivíduos que leiam esse texto - também possam galgar outros territórios para a própria existência. Fui. Fomos. Vamos.

## 4. Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: **outra travessia**, Florianópolis, n. 5, p. 9-16, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576/11743>>. Acesso em: 15 mar. 2019.

ALBANO, Ronaldo Matos. **Os estudos sobre gênero ao longo da história**. Universidade Federal do Piauí. Piauí, 2016.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

\_\_\_\_\_. **Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. Natal: EDUFRN, 2015.

\_\_\_\_\_. **O que é transexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção do corpo: gênero e sexualidade na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.



BENJAMIN, Walter. Crítica da Violencia-Crítica do Poder. In: **Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos**. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

BONDÍA, JL. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **RevBras Educ.** 2002.

COHEN, Jeffrey. "A cultura dos monstros: sete teses". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**. Os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 23-60.

DELEUZE, G. **Espinosa – filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002.

FERNANDES, Ciane. Princípios em movimento na pesquisa somático performativa. In: **Resumos do 5º seminário de pesquisas em andamento PPGAC/USP /Org.: Charles Roberto Silva, v.3, n.1 – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.**

FURLAN, Cássia. MAIO, Eliane. Pedagogias do corpo: é possível a escola ser um espaço de reconstrução?. In: MESSEDER, Suely; GARCIA, Mary; MOUTINHO, Laura. **Enlaçando Sexualidades: Uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

GIESELER, Carly. Gender-reveal parties: performing community identity in pink and blue. In: **Journal of Gender Studies**. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09589236.2017.1287066>> Acesso em: 15 mar. 2019.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: SILVA, Charles R.; FELIX, daina; et al (orgs). **Resumos do 5 Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**. São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015.(p. 41-53).

HALL, Stuart. Cultural Studies and Its Theoretical Legacies. In: **Critical Dialogues in Cultural Studies**. Eds. David Morley and Kuan-Hsing Chen. Londres: Routledge, 1996.

HUBERMAN, Georges. **A inelutável Cisao do Ver**. Sao Paulo: Editora 34, 1998.

JACKSON, Mathew. **Re-presenting gender fluid identity in a contemporary arts practice**. (Thesis). Edith Cowan University. 2011. Disponível em: <<http://ro.ecu.edu.au/theses/430>> Acesso em: 05/07/2018.

JESUS, **Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Publicação online, abr. 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista do PPGArtes**, Rio de Janeiro: Arte & Ensaios, UFRJ. 2016.

POCAHY, Fernando. Micropolíticas Queer: Dissidências em Pesquisa. **Revista Textura (ULBRA)**. 2015. Disponível em: <<http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/2200/1936>. Acesso em 24/04/2018> Acesso em: 15 mar. 2019.

RANGEL, Sonia. Processos de Criação: Atividade de Fronteira. São Paulo: TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS DA CENA, **Revista do Grupo de Pesquisa em Performance, Artes Cênicas e Tecnologia**. PACT-UFSC. 2006.



ROLNIK, Suely. Lygia Clark e o híbrido arte/ clínica. Percurso: **Revista de Psicanálise**, ano VIII, 16: 43-48, 1996.

\_\_\_\_\_. **Instaurações de mundos**. São Paulo, Domínio Virtual, 1997, Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Instauracao.pdf>>, Acesso em: 15 mar. 2019.

\_\_\_\_\_. **Guerra dos Gêneros ou Guerra Aos Gêneros**. Ensaio escrito sob encomenda de TRANS. Arts. Cultures. Media (Nova York, Passim, inc.), para a abertura da sessão «Genders War» no 3 da revista (1996a).

\_\_\_\_\_. Lygia Clark e o híbrido arte/ clínica. Percurso: **Revista de Psicanálise**, ano VIII,16: 43-48, 1996b.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, Pontífica Universidade Católica do Paraná, n. 28, maio/ago. 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes. 2008.

**Data de submissão do artigo: 11/07/2018**

**Data da decisão editorial: 30/05/2019**